



Vidma

a menina trança-rimas

**Material planejado para trabalho
com crianças da Educação Infantil**

Olá professoras, olá professores!

Esse material foi preparado com muito carinho para trazer a você algumas possibilidades de trabalho focadas em aprofundar a experiência dos e das estudantes ao assistir ao espetáculo Vidma, a menina trança rimas.

Sabemos que a proposta chegará a diferentes escolas, com diferentes realidades, por isso ela tem principalmente um caráter de inspiração. Convidamos você a adaptá-la conforme seu contexto de trabalho, território ao qual a escola pertence, suas experiências e intenções didáticas, e aos interesses de seu grupo de estudantes.

Em tempos de tantas incertezas e desigualdades sociais como os que vivemos e com o advento da pandemia do coronavírus, que impôs a necessidade de nos reinventarmos, a arte é uma importante aliada na ampliação de nossas possibilidades de ressignificação do mundo e de elaboração de nossas emoções mais profundas: medos, desejos, tristezas, alegrias, raivas e esperanças. Nela e com ela, podemos acessar caminhos de reconstrução de nós mesmas/os para

encontrar possibilidades de regeneração (ainda mais necessária nos momentos de crise) e, especificamente neste trabalho, destacamos o teatro e a literatura como motor de transformação individual e coletiva.

Com as incertezas sobre o formato da educação escolar e possíveis protocolos para a área nos próximos tempos devido à pandemia, trazemos, neste material, propostas que entendemos como adaptáveis a diferentes contextos, sejam eles presenciais com protocolos de distanciamento dentro do espaço escolar ou à distância.

Agradecemos sua disponibilidade e parceria e esperamos poder contribuir de alguma forma para que os e as estudantes possam experimentar de forma significativa o universo poético belissimamente construído por Tatiana Belinky.

*Um grande abraço,
Núcleo Caboclinhas*

Núcleo Caboclinhas

Neste ano de 2021, o Núcleo Caboclinhas completa 14 anos de trajetória comprometida com a pesquisa e valorização da diversidade cultural brasileira - sua literatura, musicalidade e ritmos, cores, costumes, danças, brincadeiras e diversas outras manifestações que fazem parte do vasto e rico universo da Cultura Popular Brasileira.



Tatiana Belinky

Tatiana brinca com as palavras. Brinca de roda, de esconder, amplia seus sentidos. Transforma as palavras e os livros em brinquedos e convida crianças de todas as idades para brincar com ela. É perceptível o quanto as letras sentem-se confortáveis na companhia da autora. E vice-versa.

Essa intimidade tem muita relação com a história da poeta que desde muito nova aprendeu diversas línguas e leu muito. Ainda nos primeiros anos da infância aprendeu a falar letão, russo, alemão e iídiche. Depois aprendeu inglês e português.

Segundo a autora, desde que nasceu tinha uma estante de livros em seu quarto. Ela começou a ler aos 4 anos. Sua relação com a leitura e a poesia permitiu à autora subverter o sentido das palavras, buscar e criar novos sentidos, propor que vejamos as palavras de ponta cabeça, de lado, do avesso, em rodopios. Esse jeito de deslocar as palavras de formas inesperadas faz com que a autora nos ajude a olhar para o mundo de modo original, subvertendo e recriando formas de perceber e se relacionar com a vida.

Ela nasceu em 18 de março de 1919 em São Petersburgo (que naquele momento se chamava Petrogrado), dois anos depois da Revolução Russa e um ano após o término da Primeira Guerra Mundial. Viveu na cidade até os dois anos, e depois mudou-se para Riga, capital da Letônia. Quando tinha 10 anos, a família veio para o Brasil e passou a morar na cidade de São Paulo.

A autora teve diversas profissões ao longo da vida. Trabalhou algum tempo como secretária bilíngue e taquígrafa e, com a morte do pai, as-

sumiu os negócios da família. No entanto, essa foi apenas uma pequena fase de sua carreira. Ela se destaca como dramaturga, escritora, jornalista, tradutora, adaptadora, tendo trabalhado com teatro, televisão e literatura. Ganhou muitos prêmios, incluindo o importante Prêmio Jabuti e foi membra da Academia Paulista de Letras.

Tatiana tem um papel fundamental como entusiasta e criadora de literatura, discutindo e ajudando a criar parâmetros de qualidade literária, estética, artística e teatral para os públicos infantil e juvenil. É autora de mais de 250 títulos de literatura infanto-juvenil.

Sua relação com o teatro começa cedo, quando brincava na garagem de Gilberta e Paulo Autran e ia com ele/a assistir a peças infantis. Em seu aniversário de quatro anos apresentou um monólogo em que fazia o papel de uma mosca.

Mais tarde, casou-se com Júlio Gouveia, com quem teve dois filhos, André e Ricardo. O casal teve uma forte parceria relacionada ao teatro, à televisão, à dramaturgia e à educação. Apresentaram peças de teatro para escolas públicas aos finais de semana ao longo de 3 anos, de 1949 a 1951, assim como foram responsáveis pela criação do grupo Teatro Escola de São Paulo (TESP).

Em 1951 o grupo foi convidado para se apresentar na TV Paulista e o casal passou a ser responsável pela adaptação da obra literária de Monteiro Lobato para o teatro e a televisão. Nas décadas de 50 e 60, participaram da realização dos programas Fábulas Animadas e Era uma vez que criavam adaptação de obras literárias para obras de teleteatro que eram encenados e transmitidos ao vivo pela televisão.

Tatiana Belinky

O trabalho televisivo de Tatiana foi marcado por seu objetivo principal que era o incentivo à leitura e à literatura, ação que a escritora fazia também como jornalista, escrevendo resenhas de teatro e literatura infanto-juvenil.

Tatiana fez também roteiros para o programa Teatro da Juventude. Ao deixar a televisão, a autora passou a ser a responsável pela organização do setor infanto-juvenil da Comissão Estadual de Teatro. Em 1984, publicou a obra Teatro da Juventude, que reúne suas adaptações para o teatro.

Antes de falecer, em 2013, aos 94 anos, a autora se transformou no que ela chamava de “a vovó dos livros”. Segundo ela, o primeiro presente que dava para uma criança assim que nascia era um livro para que ela pudesse ter uma experiência como a que a própria autora viveu na infância: ter uma estante de livros desde o nascimento! Até o fim de sua vida ela seguiu defendendo que não havia “brinquedo melhor do que o livro”.



Em tempo: Hoje existem discussões importantes sobre a gravidade das ideias eugenistas defendidas por Monteiro Lobato e pela presença do racismo em suas obras, e não é possível nos ausentarmos desse debate.

Não podemos negar que a obra infanto-juvenil do autor, assim como o programa *O Sítio do Picapau Amarelo* influenciaram toda uma geração fazendo parte da formação simbólica e afetiva de muitas crianças e jovens, criando um ambiente de encantamento, curiosidade e relação íntima com a literatura. E nesse sentido é necessário reconhecer que sua obra foi um marco no caminho de construção do imaginário infantil durante muitas décadas.

No entanto, existe um custo simbólico e concreto na construção de sua obra que também ajudou a criar subjetividades e que afastou afetiva e simbolicamente pessoas de sua obra.

Entender a importância de algumas características de uma obra em um determinado tempo histórico não significa deixar de analisá-la criticamente. Entendemos que muitas pessoas, incluindo grande parte das/os intelectuais brasileiras/os contemporâneas/os ao Lobato, ou até mesmo nos dias de hoje, não olhavam/olham sua obra em seu caráter racista, relacionando-se com ela no campo de suas potências sem apontar as questões relacionadas ao racismo ou a princípios eugenistas em sua literatura e atuação política.

No entanto, entendemos que analisando a formação do Brasil, marcada pelo racismo e machismo estruturais, é impossível não olhar para essas questões de forma crítica. Se Monteiro Lo-

Tatiana Belinky

bato teve um papel de destaque na história da literatura infanto-juvenil, temos inúmeros autores e autoras que já produziam e seguem produzindo literatura de altíssima qualidade. Homens, mulheres, pessoas não-binárias, pessoas cis e hétero e pessoas LGBTQIA+, pessoas brancas e não-brancas, pessoas racializadas, pessoas ligadas a diferentes culturas e percepções. É importante, inclusive, entender quais são as características estruturais que permitem que as obras de algumas pessoas sejam conhecidas e celebradas e outras sejam invisibilizadas.

Defendemos que é fundamental apresentar às crianças obras que representam essa diversidade de formas de estar, perceber e construir o mundo, assim como não nos furtar a olhar com criticidade mesmo referências importantes para nossa construção afetiva e simbólica.

Vidma, a menina trança rimas

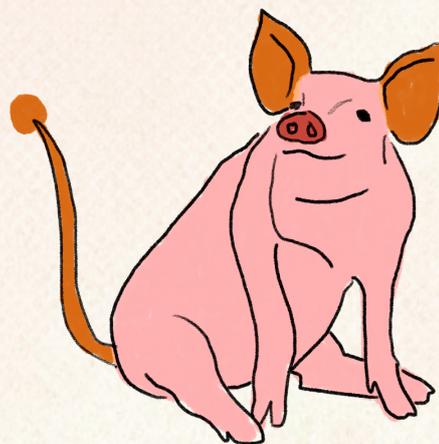
A peça *Vidma, a menina trança rimas* é uma adaptação para o teatro dos poemas do livro *Caldeirão de poemas 2* de Tatiana Belinky. Neste livro a autora continua o fabuloso trabalho iniciado em seu primeiro *Caldeirão de poemas*, adaptando, traduzindo e criando mais de 50 poemas, limeriques, parlendas, canções, quadrinhas, cantigas e acalantos.

Em uma adaptação preciosa, a peça traz em si essa característica da diversidade de linguagens, formas, cores, texturas, assim como o livro. De forma muito bem encadeada, as referências aos poemas de Tatiana e às culturas da Rússia e do Brasil vão aparecendo ao longo da peça, ora de forma mais explícita ora mais sutil, através das músicas, poemas, danças, figurinos, cenários, brincadeiras e interações entre as personagens.

A criação cênica se dá a partir do encontro das palavras com os corpos, as palavras vão sendo trançadas nos e pelos corpos das atrizes e do público. A essa exploração de rimas e imagens poéticas, junta-se um clima de fantasia que percorre toda a peça. O desejo da menina de ser bruxa vai dando à história um tom de transgressão e liber-

dade que ao decorrer da narrativa vai exaltando essa potência das crianças de construir sentidos originais ao mundo e suas experiências.

Há, também, ao longo da peça, um paralelo com a própria história de Tatiana, que nasce na Rússia e ainda criança muda-se para o Brasil, tendo vindo em uma longa viagem de navio. É possível ainda identificar referências à suas buscas, sua curiosidade, sua construção de si e à sua profissão como tradutora.



Experimentando

Mímica da revolução dos bichos

Entre as diferentes e divertidas brincadeiras com palavras exploradas na peça, uma das mais gostosas é a cena da “bicharada revoltada com a voz modificada.” Nela as personagens afirmam:

*“Não queremos, como gatos mais miar, como
sapos só queremos coaxar;
nós porquinhos não queremos mais grunhir,
quais cachorros nós queremos só latir;
nós burrinhos não queremos mais zurrar, nós
queremos como pintos é piar;
nós cavalinhos não podemos mais nitrir, quais
ovelhas nós queremos é balir.”*

Essa cena é a inspiração para brincarmos com a turma de um jogo divertido e desafiante no qual as crianças serão convidadas a fazer mímicas corporais de um bicho, fazendo o som de outro.

Para fazer a mímica, portanto, serão escolhidos dois bichos, um que será representado a partir de gestos, posturas e movimentos corporais, e outro que será representado ao mesmo tempo, mas a partir de sons e vocalizações.

Por exemplo, a criança imitará a gestualidade de um gato, se movimentando numa posição em 4 apoios, fingindo estar lambendo o corpo, bebendo água numa vasilha, mas, ao mesmo tempo, fará um piado de passarinhos. Outra criança fará o gestual de uma cobra, arrastando sinuosamente o corpo pelo chão, enquanto fará rugidos de uma leoa.

Os animais poderão ser escolhidos pelas crianças ou professoras/es ou sorteados em cartões (com os nomes ou imagens dos bichos). A criança pode sortear um animal de cada vez, um cartão para a mímica gestual e outro para a mímica sonora. Ou, nos cartões já podem estar os dois bichos e a criança escolhe de qual deles

faz o som e de qual faz os gestos. Na verdade não existe um único jeito de fazer essa escolha, são muitas possibilidades.

A brincadeira pode acontecer em pequenos grupos ou com a turma toda, e vocês podem definir se as crianças deverão adivinhar os dois bichos representados ou apenas um deles.

A cada junção de bichos é formado um “bicho inventado”. Convide as crianças a criar um nome para o bicho inventado. Uma ideia pode ser juntar os nomes dos bichos, por exemplo: gato + passarinho = gatorinho ou passagato. Cobra + leoa = cobraoa ou leobra.

Depois de inventar o nome do bicho inventado, convide o grupo a experimentar fazer a mímica desse “bicho inventado” antes de passar para o próximo sorteio.

ETAPAS:

1. Conversa sobre o trecho da peça da cena da “bicharada revoltada com a voz modificada” - é possível ler com as crianças o trechinho para lembrar da cena;
2. Definir como ocorrerá a escolha e distribuição dos bichos dos quais serão feitas as mímicas corporais e sonoras;
3. A turma tenta adivinhar quais são os animais;
4. Inventa-se um nome para o “bicho inventado” que acabou de ser criado;
5. Todas as crianças fazem a mímica desse bicho;
6. Uma nova criança é convidada a fazer outra mímica.

IMPORTANTE: No início da brincadeira é importante lembrar ao grupo que essa divisão entre dois bichos é bem desafiante, então que não se preocupem se não conseguirem fazer, a ideia é experimentar o desafio, explorar possibilidades corporais e divertir-se com os bichos novos que serão inventados.

Experimentando

Língua inventada

A segunda proposta é a brincadeira de inventar uma língua ou várias novas línguas secretas. Dessa vez a cena que será retomada é a cena do “ratinho ratauci”:

Certa vez um ratinho ratauci, deu de cara com um gatauci.

Gatauci tem bravos olhauci, e muitos afiados dentauci.

Então chegou-se ao ratauci e empinando alto o rabauci ele disse:

- Meu querido ratauci, vem mais perto de mim, gatauci, eu vou lhe contar um poemauci.

- Tu não me enganas gatauci! Eu vi teus malvados olhaucis e teus afiados dentaucis.

E fugiu a correr do gatauci.

A primeira etapa da proposta é ler o trecho acima da história do Ratauci, ainda sem anunciar que brincaremos com ele, deixando as crianças apreciarem a sonoridade do texto.

Em seguida, releia o trecho pedindo para o grupo descobrir quais são as palavras “malucas” do texto (gatauci, olhauci, dentauci, rabauci, poemauci).

Depois é o momento de perguntar o que mudou em cada palavra e tentar identificar com a turma se percebem que nas cinco palavras há a adição do sufixo **auci** no final das palavras.

Depois sugira para as crianças que inventem outros “finais” para as palavras, não é necessário nomear como sílabas ou sufixos, basta dizer que vamos mudar o som do final das palavras.

Em seguida, é o momento de brincar com essas novas sonoridades explorando suas possibilidades rítmicas e atividades que aproximam as crianças de avanços em suas hipóteses em relação a organização do nosso sistema alfabético.

É possível brincar com sons de rimas já conhecidas pela turma, brincar com as sílabas iniciais dos nomes das crianças. Nesse caso, pode ser interessante passar a adicionar um prefixo às palavras ao invés de um sufixo.

São muitas possibilidades!

ETAPAS:

1. Ler o trechinho do ratauci ainda sem anunciar que brincaremos com ele, deixando apenas as crianças apreciarem a sonoridade do texto;
2. Rer o trecho para descobrir as palavras “secretas”;
3. Identificar coletivamente o que mudou em cada palavra;
4. Inventar novas palavras secretas a partir das sugestões da turma;
5. Explorar essas línguas inventadas.



Bom Trabalho!

Vidma

a menina trança-rimas

**agendamento de escolas:
educacionalcaboclinhas@gmail.com**

APOIO



PRODUÇÃO



REALIZAÇÃO



**CABO
NÚCLEOCLINHAS**



**ESTE PROJETO FOI CONTEMPLADO PELA 11ª EDIÇÃO DO PRÊMIO ZÉ RENATO DE TEATRO PARA
A CIDADE DE SÃO PAULO - SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA**